



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras do Eixo Norte na cidade de Mauriti

Mauriti-CE, 16 de outubro de 2009

Eu tenho um compromisso que é quase uma profissão de fé, porque não é possível que este país, do tamanho que é, com a riqueza que tem este país, se desenvolva apenas para um lado do país e não se desenvolva para todo o território nacional.

Há quantas décadas o Nordeste brasileiro é considerado uma das regiões mais pobres do país? Há quanto tempo o Norte do país, o Amazonas, o Pará, Rondônia, são considerados regiões pobres do país? Este país vai crescendo apenas para um lado e as pessoas mais pobres vão saindo da sua terra natal e vão ocupando cada vez mais espaços inadequados para morar, em São Paulo, Rio de Janeiro, morando em favelas, em situações degradantes.

Enquanto a gente não resolver o problema do desenvolvimento do Nordeste, a geração de empregos, a geração de renda e as condições de educação, a gente vai continuar tendo retirantes nordestinos indo para São Paulo como eu fui, com mãe e mais oito irmãos para São Paulo em 1952.

Agora, não é possível que quando a gente pega as estatísticas do IBGE e a gente vai analisar onde é que morrem mais crianças antes de completar um ano de idade, é no Nordeste brasileiro. Quando a gente vai ver as estatísticas de onde é que tem o maior número de crianças desnutridas, é no Nordeste brasileiro. Quando a gente vai conversar sobre onde é que tem menos mestres e doutores dando aula, é no Nordeste brasileiro. E não é possível a gente não compreender que quanto mais o Nordeste ficar pobre, mais o Brasil vai continuar pobre, e quanto mais o Nordeste crescer, mais o Brasil vai ficar rico e os outros estados vão crescer em igualdade de condições.



Este país, lamentavelmente, desde que foi proclamada a República, não pensou o Brasil como um todo. Você veja, Cid, que de 1909 até 2003, todos os governos que passaram, em 100 anos, fizeram apenas 140 escolas técnicas profissionais. Nós, em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas profissionais. Em oito anos, nós vamos fazer o que eles fizeram em 100 anos.

Se a gente olhar a universidade, vocês vão perceber que tem presidentes que ficaram tempos no governo e não fizeram uma única universidade. Nós estamos fazendo 12 universidades novas, tem mais duas no Congresso Nacional, uma para Redenção, aqui no estado do Ceará, que é uma universidade para fazer em parceria com os países africanos de língua portuguesa. E mais ainda, já vamos terminar o mandato com 104 extensões universitárias, levando cursos das universidades federais do Ceará para o interior do Ceará, porque não é justo ter universidade apenas na capital, porque o estado não é apenas a capital.

Pois bem, esta obra aqui tem uma coisa que tem marcado a minha vida. Eu sou retirante nordestino, eu acho que eu não tenho pescoço porque com sete anos eu carregava água de um açude numa lata d'água. Um dia coloquei dois potes no caçuá, coloquei em cima da jumentinha; no meio do caminho a jumenta me derrubou e quase me come vivo.

Pois bem, eu tinha em conta que era necessário fazer esta obra. Até porque muito tempo atrás, nas disputas eleitorais, eu vim ao estado do Ceará e os deputados do Ceará aprovaram um ato de repúdio ao presidente Lula porque não assumiu o compromisso de fazer a Transnordestina [transposição do rio São Francisco]. Os meus adversários chegavam em Fortaleza e, como o Ceará precisava d'água, eles diziam: "Eu vou fazer". Aí, chegavam na Bahia, o Antônio Carlos Magalhães era contra, e eles diziam: "Eu não vou fazer". Chegavam na Paraíba, o povo precisava d'água, e eles diziam: "Eu vou fazer". Chegavam em Alagoas, o governo era contra, e eles diziam: "Não vou fazer". E assim ia. No estado que precisava d'água, eles eram favoráveis; no estado por



onde o rio passava, eles diziam: “Não vamos fazer”. Ou seja, políticos de duas caras. É o que não faltou neste país, ao longo de muito tempo.

Eu nunca prometi porque eu acho que é feio a gente prometer e não cumprir. Quando eu ganhei as eleições, eu chamei o companheiro Ciro Gomes para ministro da Integração. O Ciro andava meio desanimado com a política, e eu dizia: Ciro, você não pode desanimar porque você perdeu uma eleição. Eu já perdi três, meu filho, e estou aí, na luta. Vamos topar essa coisa, rapaz. A gente vai perdendo e vai aprendendo, vai perdendo e vai aprendendo. Um dia, a gente ganha.

Pois bem, chamei o companheiro Ciro e pedi para o companheiro Ciro que eu queria fazer duas coisas principais. Eu queria fazer a transposição das águas do rio São Francisco, que o imperador dom Pedro I tentou fazer isso em 1847 ou 1850. Portanto, mais de 150 anos atrás essa obra foi pensada. Só para vocês terem ideia, o engenheiro que dom Pedro trouxe para cá em 1850, sem nenhuma coisa sofisticada de engenharia, ele marcou o ponto onde a gente ia pegar água. E hoje a engenharia sofisticada foi pegar água exatamente no ponto que o cara marcou 150 anos atrás.

Mas eu teria que fazer essa obra. A primeira coisa que eu fiz foi pedir para o nosso companheiro Zé Alencar, que é o nosso vice, a trabalhar o projeto. O Zé Alencar começou a trabalhar o projeto na primeira fase. Aí depois eu disse ao companheiro Ciro Gomes que era preciso fazer o projeto e enfrentar os debates, para que a gente pudesse concluir essa obra. E muita gente não acreditava, muita gente dizia que não ia acontecer. Eu dizia: vai ter que acontecer, vai ter que acontecer. A gente tem que enfrentar muita discussão.

Vocês sabem que hoje, para a gente fazer uma obra no Brasil é difícil, porque quando a gente começa a fazer o projeto... Você terminou o projeto básico, você já poderia começar a obra. Aí você vai pedir para o Ibama liberar o EIA/Rima. Aí começa a peregrinação, porque nós temos leis muito rígidas.



Nós, no Congresso Nacional, aprovamos leis que, depois, quando a gente vai governar, a gente acha que a gente não sabia o que estava fazendo lá no Congresso Nacional, porque a gente impõe muita fiscalização.

O João Santana me contou uma história que merece ser contada para vocês. A gente estava trabalhando essa obra lá em Cabrobó. Aí, foi o pessoal... de onde? Do Iphan, cumprindo a lei, a menina viu a pedra e falou: “Essa pedra deve ser uma machadinha de índio, de antigamente.” E por causa dessa pedra, que foi para fazer estudos se era uma machadinha de um índio, nós esperamos nove meses para a pessoa dizer que não era machadinha de índio.

As pessoas não têm dimensão do que é uma obra gigantesca dessas, parada por nove meses. As pessoas não têm dimensão do custo que isso tem, porque a empresa manda os trabalhadores embora, a empresa desativa as suas máquinas. Ninguém pode ficar esperando a vida inteira. Mas isso, somos nós que somos os culpados, porque nós é que fizemos a lei para regulamentar.

Outro dia, Ciro, lá no Rio Grande do Sul, Cid, uma perereca parou uma obra por oito meses, porque onde ia passar o túnel tinha uma perereca, e aí precisava estudar se a pererequinha estava em extinção. Oito meses pesquisando essa perereca, para poder autorizar a gente a abrir o túnel.

Então, eu quero que vocês imaginem a dificuldade entre a gente decidir fazer uma obra e começar a fazer uma obra, no Brasil. O Cid sabe, quando pensa que vai começar, aí aparece um Tribunal de Contas e acha uma deficiência. Às vezes, a deficiência não é verdadeira, é só achar que era deficiência. E tem vezes que tem mesmo coisa errada, e tem que fiscalizar. Quando está tudo pronto, aí o governador ou o ministro pensam que vão fazer licitação. Lança o edital para fazer a licitação. Aí aparecem as empresas. Quando as empresas aparecem, ganha uma e a que perdeu entra com um processo na Justiça. Aí fica mais oito meses, um ano, a obra parada. Quando está tudo pronto, que a gente pensa que vai começar, o Ministério Público entende que tem alguma coisa errada e para a obra por mais um ano, três



meses, quatro meses. É, na verdade, um verdadeiro martírio a gente começar uma obra no nosso querido país.

Mas nós resolvemos. Teve até um bispo que entrou em greve de fome, contra a transposição das águas do rio São Francisco. Nós tivemos paciência, o Ciro ficou nervoso, depois o Geddel veio com muita paciência, conversamos, rezamos, falei com o Papa, falei não sei com quem, e vamos lá, até que o nosso bispo resolveu parar com a greve de fome, para a gente continuar essa obra.

Agora, eu estou aqui. Essa empresa que pegou o Lote 6 já tem, acho que 500 trabalhadores. Ela vai chegar a 800. Mas ainda falta começar o Lote 4, ainda falta começar o Lote 5 e ainda falta começar o Lote 7. Eu quero, Junior, e meu companheiro Cid, ver se lá para março do ano que vem eu volto aqui, porque nós vamos ter mais de 3.500 trabalhadores trabalhando e ganhando dinheiro aqui nesta região. Aqui no Ceará, só nesta parte aqui são 40 quilômetros, mais um túnel de 15 quilômetros para chegar na Paraíba. E nós vamos ter homens trabalhando, levando salário para casa para sustentar a sua família com o suor e a dignidade do seu trabalho.

Mas eu vou contar uma história: uma mulher chamada Eliane, lá em Cabrobó, mas não foi em Cabrobó? Em Floresta, uma mulher chamada Eliane, quando essa obra começou, ela tomou R\$ 50 emprestados ao afilhado dela e ela pediu autorização para um coronel do nosso Exército, que estava fazendo a obra, para permitir que ela fizesse pastel para vender lá na obra. Ela agora já montou uma empresa e serviu até 400 refeições por dia.

Uma obra como esta é oportunidade extraordinária para uma região. Mas esta obra não é só o canal, porque o canal não vai resolver todos os problemas do mundo. O canal vai resolver o problema mais elementar do ser humano, que é água tratada para beber e água tratada para criar pequenos animais. Não é possível alguém pensar que vai irrigar mil hectares de cana aqui, não é possível. Mas é possível uma pessoa irrigar três, quatro hectares



de terra para cuidar da sua família e para produzir as coisas necessárias para a nossa sobrevivência.

Nós, agora, estamos em uma fase. Eu queria até que os deputados do Ceará pedissem para os deputados que assinaram aquele repúdio a mim, que eles viessem ver esta obra e anulassem aquele repúdio porque eu estou fazendo o que eles não tiveram coragem de fazer.

E vejam, a Petrobras, a Petrobras fazia 20 anos que não fazia uma refinaria. A maior refinaria que ela tem no Brasil é a refinaria de Paulínia, a Replan, me parece que duzentos e poucos barris que ela refina por dia.

Pois bem, o Ceará vai ganhar uma refinaria de 300 barris por... 300 mil barris por dia, vai ser uma das maiores refinarias deste País. Desde 92 que o Ceará imagina que ia vir uma siderúrgica para cá, não veio. Agora, vai vir uma siderúrgica para o estado do Ceará. A Transnordestina, há quantos anos essa ferrovia foi prometida, ela estava paralisada, foi privatizada? Este companheiro levou três anos preparando a engenharia financeira para a gente começar a fazer a ferrovia, ligando a capital do Ceará, o porto de Pecém, à capital de Pernambuco, no porto de Suape, passando por Eliseu Martins, no Piauí, para pegar a carga da soja do Piauí e ligar os dois portos, pegar o gesso de Araripina, pegar a produção que vai acontecer nos estados e fazer com que aconteça um processo natural de industrialização em todo o trecho da ferrovia Transnordestina. Alguém dizia: “Mas ela não é economicamente viável”. O Estado não pode pensar apenas na coisa economicamente viável, isso vale para o empresário privado. O Estado tem que pensar que se não tem ferrovia e o país precisa, nós vamos fazer essa ferrovia e ela vai se tornar viável ao longo do tempo.

Portanto, companheiro prefeito Júnior, a sua cidade vai ser beneficiada não apenas com os empregos, porque vão crescer restaurantes, vão crescer os empregos indiretos, mas aqui nós vamos fazer tratamento no esgoto sanitário de toda esta cidade para que as pessoas tenham água de melhor



qualidade, que o esgoto seja canalizado e seja tratado, para depois cair na água de forma que o rio continue limpo.

Então, eu estou, Cid, feliz. Eu estou feliz de estar aqui porque esta obra, mais do que um desejo, eu sei que é uma necessidade. Só pode ser contra uma obra dessas quem nunca viu o seu animal, uma cabritinha morrer de fome e de sede porque não tem um copinho d'água para beber. Não sabe o que é a gente beber água barrenta, não sabe o que é, em um açude velho, pegar uma lata d'água com o cavalo fazendo xixi de um lado, a vaca [fazendo] cocô do outro, o cabrito do outro, e a gente ter que pegar aquela água, colocar em um pote e levar para casa para assentar, para a gente beber em uma canequinha. Somente quem não sabe o que é isso é que pode ser imbecil e ser contra uma obra dessa magnitude, que vai beneficiar muita gente neste país.

Meus companheiros, já me passaram um papelzinho aqui porque eu tenho horário para levantar [vão de] helicóptero, enquanto tem luz do sol, porque depois a gente vai ficar areado e vai se perder por aí.

Então, eu quero assumir, ô Júnior, o compromisso com você; com o João Santana, que é o mestre de obras desta obra, o nosso chefe de gabinete do Geddel; quero assumir o compromisso contigo, Cid, que mais ou menos no mês de março eu quero voltar aqui para ir com vocês ali na beira do canal para vocês verem que obra gigantesca, que vai ser motivo de orgulho. Quem for contra essa obra, não precisa falar mal de nós pela televisão ou pelos jornais. Venha ver a obra. Quando vir, se ajoelhe e peça desculpas, porque essa obra será uma das redenções do Nordeste brasileiro.

Um grande abraço.

(\$211A)